

O Futuro da Psicanálise de Crianças e Adolescentes

Trabalho apresentado na IX Jornada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.
Porto Alegre 25 e 26 de Novembro de 2011.

Vera Maria H. Pereira de Mello

Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular e Analista de Crianças e Adolescentes pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – SBPdePA.

Resumo: Este trabalho propõe algumas reflexões sobre a Psicanálise de Crianças e Adolescentes. Para tanto, a autora inicia com um breve recorrido pela bibliografia fundamental sobre o tema, bem como recorre à sua prática clínica, buscando marcar aspectos que considera singulares no tratamento psicanalítico de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência. Infância. Psicanálise.

Ao pensar no tema desta mesa, imediatamente me veio uma frase de Otávio Paz que diz: “O homem para voar não necessita de asas, mas sim de raízes, pois necessita de suas origens para voar”. Pensando nisso, voltei-me para as raízes da psicanálise infantil, deparando-me com o primeiro caso de uma criança abordado analiticamente, “O pequeno Hans”, que todos sabem, tratava-se de um menino com fobia a cavalos.

A infância já vinha tendo um olhar especial por Freud, pois, por meio da análise de pacientes adultos, foram elaborados os pormenores da teoria da sexualidade infantil em 1905. Naquele momento, Freud, buscando provas diretas do desenvolvimento da sexualidade na criança, solicitara ao seu pequeno círculo de Viena que relatasse as atividades e as conversas de seus filhos. Sendo assim, “O pequeno Hans” (1909) não fez um tratamento com Freud, mas seu pai trazia ao grande mestre relatos de suas conversas com o filho, e Freud o orientava, fazendo o que hoje considerariamos uma supervisão, explicitando os processos que estavam se dando na mente daquela criança. Houve somente um encontro entre Hans e Freud, e o pequeno, nessa ocasião, perguntara se Freud era Deus, pois tinha o poder de adivinhar os seus pensamentos.



Em 1918/1919, surge no cenário psicanalítico Melanie Klein, que chega trazendo inovações na forma de atender psicanaliticamente crianças. Hoje sabemos que seus primeiros pacientes foram seus filhos, fato que na época, devido aos resultados positivos do tratamento do Pequeno Hans, não provocava tanta estranheza. Algumas questões importantes Klein delineou na abordagem analítica com crianças, enfatizando principalmente o brincar como uma forma de acesso ao inconsciente, a condição de transferência que a criança possuía, bem como a certeza de que as crianças teriam uma compreensão inconsciente muito maior de seus próprios problemas, bem como da natureza do auxílio interpretativo.

Ancorada nessa ideia, Arminda Aberastury (1977), psicanalista argentina, enfatizava a existência da fantasia de cura e da fantasia de doença que poderia ser observada na primeira sessão com uma criança, e que ela marcava ser de grande importância no sentido de o analista poder detectar.

Na galeria dos grandes teóricos da psicanálise infantil, temos Winnicott, que trouxe contribuições ímpares, dando uma dimensão maior à importância da mãe e do meio ambiente como facilitador ou não do desenvolvimento da criança. Talvez naquele momento começasse a se dar uma ampliação na psicanálise infantil, de uma visão intrapsíquica, agregando-se uma visão intersubjetiva, pois para Winnicott “um bebê é algo que não existe [...] sempre que encontramos um bebê, encontramos a maternagem, e sem a maternagem não existiria bebê algum”.

Bion (1963, 1966), ao trazer os conceitos de *rêverie*, da função alfa da mãe, oportunizando a metabolização de identificações projetivas do bebê e dando-lhes significado, também posiciona a importância do espaço intersubjetivo.

Muitos outros nomes importantes, como Françoise Dolto, Margareth Malher, Peter Bloss, colocaram tijolos significativos nessa construção que é a psicanálise infantil e da adolescência.

Penso, entretanto, que um autor que expressa muito do que acredito na psicanálise, abordando complementações técnicas fundamentais, é Antonino Ferro.

Para ilustrar um pouco a respeito do pensamento de Antonino Ferro, trago uma situação anedótica a respeito de sua primeira análise, em que ele diz: “Na minha primeira sessão de análise, eu era um paciente totalmente virgem, não tinha nenhuma noção de psicanálise. Logo após ter deitado no divã, disse: Esta noite tive um sonho que é igual a um pesadelo que eu tinha quando eu era criança; eu estava na minha caminha e nas costas havia um enorme lobo de óculos; eu estava muito aterrorizado com esta situação” (2009, p.15).

Ferro segue trazendo que era grato ao seu analista por tudo aquilo que ele **não** dissera a respeito desse sonho. Pois, se ele tivesse interpretado seu terror de estar ali com ele, a avidez, a perseguição, a instintividade, ele teria fugido e não seria quem ele é. E que o fato de o seu analista ter lhe dito algo do tipo “é claro que deve ter sido horrível para uma criança estar numa sala com um lobo nas costas”, oportunizou uma nova lembrança: a de uma tia que usava óculos e que lhe ensinava francês.

Ferro, por meio desse exemplo, fala de dois conceitos importantes: um é o da microtransformação, na sessão. A figura persecutória do lobo de óculos se transforma na tia de óculos, que ensina a nova língua do inconsciente. O outro conceito é o de que esta microtransformação não acontece em função de uma decodificação interpretativa, mas simplesmente captando a emoção que o paciente está vivendo naquele momento, pois quando o analista capta que é terrível para uma criança estar com um lobo nas costas nos fala de uma condição de estar em uníssono, de um estado de *rêverie*, e que a soma dessas experiências de microuníssono é que permite o desenvolvimento do continente e da condição de conter conteúdos inimagináveis.

Dentre os conceitos importantes que Ferro lança na técnica, ele traz o de Interpretação Narrativa. Essa interpretação narrativa é o que ele chama de consequência da “narração da *rêverie* que surge na mente do analista”. Como, em sua concepção, o analista não trabalha só, o trabalho é consequência de um vínculo, ou melhor, é consequência do campo analítico, quando duas pessoas se dispõem a fazer análise: o paciente e o analista. Dessa forma, no processo que se instala nessas duas mentes que estão em uníssono, num relacionamento de inconsciente para inconsciente, é impossível verbalizar todo o movimento, todas as nuances, dado todo o polissemismo que essa situação traz e que jamais será repe-



tido. Daí a importância desse encontro, como um momento de transformação.

A história que se constrói será totalmente nova e mais importante do que a atividade interpretativa decodificadora; é a transformação que se dará nas identificações projetivas do paciente, que a mente do analista saberá realizar. Para Ferro, o analista, com suas defesas, é parte ativa no determinar os fatos, pois, na condição de observar, exerce, com sua presença, com sua maior ou menor permeabilidade em acolher as identificações projetivas do paciente, “as verdadeiras operações de alfabetização dos elementos beta provenientes do paciente (e também as próprias) que ele soube realizar, e que constituirão a outra metade da história” (FERRO, 1995, p. 27).

A análise de crianças e adolescentes impõe com mais força que o analista esteja conectado com seus aspectos infantis; a disponibilidade para a surpresa é parte de nosso trabalho interior e aparece muitas vezes como pequenos atos, de palavra ou entonação, de gesto, de escrita. A condição de permitir essas surpresas no contexto singular de cada experiência de análise, na medida em que surgem, oportuniza uma dimensão inconsciente que se move em nós mesmos e que faz com que aquela relação seja única. Dispostos ao erro, mas com a confiança de que é a experiência inconsciente o que faz possível uma análise. A intervenção efetiva do analista parece estar mais perto dessas pequenas coisas que surgem do que das interpretações elaboradas.

Berestein (2009) traz um conceito importante, que é o da presença, que diz respeito não só ao que está sob o império da percepção, mas também ao efeito que o outro faz em nós, bem como que fazemos ao outro, impondo uma marca que nos modifica e o modifica.

A maior visualização dos aspectos de intersubjetividade na constituição da subjetividade, demarcando o que se passa entre as duas mentes, sendo esta produtora de nova subjetividade, da importância do campo, impõe que se pense também a importância do transgeracional na constituição psíquica do sujeito.

Ter este olhar sobre a importância do transgeracional na constituição psíquica de um sujeito tem me dado aportes importantes na minha prá-

tica clínica. Essa nova lente de visão agrega-se aos conceitos clássicos, contribuindo para o meu entendimento com uma leitura mais precisa de processos psíquicos.

Talvez uma das questões singulares na psicanálise de crianças e de adolescentes é de que estes chegam aos consultórios de psicanalistas, na maioria das vezes, trazidos por seus pais. Portanto, ao ingressarmos no universo de uma criança ou adolescente, invariavelmente ingressamos no universo dessa família, e é fundamental que possamos estar atentos às reverberações que nossa presença fará nesse grupo.

Käes (2001) nos fala do pacto denegativo que existe em todo laço intersubjetivo e que tem basicamente duas funções: uma organizadora e outra defensiva. Cada conjunto particular se organiza positivamente sobre investimentos mútuos, sobre identificações comuns, sobre uma comunidade de ideais e de crenças, sobre um contrato narcísico, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos. Mas cada conjunto também se organiza negativamente sobre uma comunidade de renúncias e de sacrifícios, sobre apagamentos, rejeições e recalcamientos, sobre um “deixado de lado” e sobre restos. O pacto denegativo cria no conjunto do não significável, do não transformável: zonas de silêncio, bolsões de intoxicação, espaços lixeira ou linhas de fuga que mantêm o sujeito estrangeiro em sua própria história. Nas famílias, as alianças, os contratos e os pactos inconscientes demarcam o destino do recalcamiento e da repetição.

Na psicanálise com crianças e adolescentes, a busca de atendimento se dá por que alguém captou seu sofrimento ou a escola percebeu a necessidade. Entendo, então, que se trata de um momento muito especial, pois a criança emerge em uma família, no entrecruzamento de uma série de expectativas parentais, e que, ao adoecer, põe em xeque essas expectativas. Portanto, embora saibamos que o *setting* na psicanálise de crianças e adolescentes é específico, diferente do de adulto, o objeto da psicanálise não é a criança, o adolescente ou o adulto, mas sim o sujeito, e esta é a verdadeira busca.

Entretanto, a adolescência se caracteriza como um período em que há um movimento que implica o abalar modalidades anteriores do processo de subjetivação e impõe ao adolescente uma encruzilhada, em que ou



terá de lidar com incertezas, e estas acarretando angústia, ou terá que perpetuar modelos anteriores, anulando toda uma condição criativa do próprio momento. Isso faz com que no *setting* também ocorram manifestações, sendo este muitas vezes questionado pelo adolescente, que busca mudar horários, não vem por que ficou dormindo, quer ver os livros que temos em nossa biblioteca, briga. Afinal, não existe possibilidade de diferenciar-se sem opor-se.

Donald Meltzer (1998) propõe que o adolescente se move entre três mundos: o dos adultos, o das crianças, no âmbito familiar, e o dos pares. A chamada 'transição adolescente' se caracteriza justamente na passagem do mundo infantil, na família, para o mundo dos pares, e daí para o mundo dos adultos. Donald Meltzer entende a adolescência como um estado mental; assinala que, ao dar-se a quebra da estrutura de latência, ressurgem confusões próprias da etapa pré-edípica (bom/mau, feminino/masculino, criança /adulto) bem como a confusão das zonas erógenas.

A condição de podermos transitar nesse espaço entre flexibilidade e firmeza, como um continente que se expande, mas que mantém sua capacidade de conter, parece ser a arte na psicanálise de crianças adolescentes.

Embora o processo adolescente contemple certas características, é vital estar atento ao fato de que a produção de diferentes subjetividades vai se dar em consonância com os diferentes meios sociais em que o indivíduo se desenvolve.

Concordo com Ferro quando diz:

Uma análise funciona ou não funciona nem tanto por aquilo que o analista diz, mas por aquilo que ele faz com sua própria mente. Se a mente de um analista for impermeável, mesmo se ele disser coisas maravilhosas, não acontecerá nenhuma transformação; a transformação só pode acontecer, realmente, quando há a assimilação das identificações e suas consequentes transformações. Se o analista realiza essas operações mentais, então pouco importa o modelo no qual ele responde ao paciente: seja com interpretações mais freudianas, de reconstrução histórica, seja mais kleinianas, de objetos internos, ou ainda com interpretações mais centradas na relação analítica, etc. (FERRO, 2009, p. 58).

Voltando ao título da mesa “O futuro da psicanálise de crianças e adolescentes”, quem sabe se a possibilidade de não saber o que vem no futuro, e tolerar isso, mantendo uma postura de curiosidade para com ele, nos oportunize estarmos mais conectados com o presente, com o momento singular de intimidade que o processo analítico proporciona.

Finalizando, trago Green, que diz: “cabe esperar que um dia os psicanalistas recuperem o gosto de reunir-se para falar. Longe de pretender encontrar o caminho da verdade, terminaremos por reconhecer que a verdade é o caminho mesmo” (GREEN, 2005, p.397).

The Future of Child and Adolescent Psychoanalysis

Abstract: This paper aims at bringing some reflections on Child and Adolescent Psychoanalysis. To this end, the author starts by making a brief review of the fundamental bibliography on the theme, searching, and, taking it from early-on clinical practice, she highlights aspects she considers singular in the psychoanalytical treatment of child and adolescents.

Keywords: Adolescence. Childhood. Psychoanalysis.

El Futuro del Psicoanálisis de Niños y Adolescentes

Resumen: Este trabajo propone algunas reflexiones sobre el Psicoanálisis de Niños y Adolescentes. Para tanto, la autora inicia con un breve recorrido por la bibliografía fundamental sobre el tema, así como recurre a su práctica clínica, buscando marcar aspectos que considera singulares en el tratamiento psicoanalítico de niños y adolescentes.

Palabras clave: Adolescente. Niñez. Psicoanálisis.

Referências

BERENSTEIN, I. **Devenir otro con otros(s):** ajenidad, presencia, interferencia. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BION, W. **Aprendiendo de la Experiencia.** Buenos Aires: Paidós, 1966.

_____. Uma teoria sobre o processo de pensar. In: BION, W. **Estudos psicanalíticos revisados.** Rio de Janeiro: Imago, 1998.



CAHN, R. **O adolescente na Psicanálise** - a aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

FERRO, A. **A técnica da psicanálise infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____; FRANÇA, M. O. A. F. (org.); PETRICCIANI, M. (org.). **O pensamento clínico de Antonino Ferro**: Conferências e Seminários. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GREEN, A. **Ideas directrices para un psicoanalysis contemporaneo**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

KAËS, R. Introdução: o sujeito da herança. In: KAËS, R. et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MELTZER, D. **Adolescentes**. Buenos Aires: Spatia, 1998.

TRACHTENBERG, A.; KOPITTKE, C.; PEREIRA, D.; CHEM, V.; MELLO, V. M. H. P. **Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Vera Maria H. Pereira de Mello

Av. Taquara, 193 / 201

90460-210 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: rmello@terra.com.br